

## **O SUJEITO EM PEÇAS DE TEATRO: (1833-1992) ESTUDOS DIACRÔNICOS – RESENHA**

**Cesar Trindade de Oliveira<sup>1</sup>**

cesaroliveira303@hotmail.com

A obra intitulada **O sujeito em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos**, lançada no ano de 2012, pela Parábola, apresenta uma compilação de estudos aprofundados sobre o Sujeito no Português Brasileiro (PB). Organizado por Maria Eugênia Lammoglia Duarte, uma das mais influentes pesquisadoras sobre a sintaxe do PB na atualidade, o volume tem, entre seus colaboradores, além de bolsistas de iniciação científica, mestres, doutorandos e docentes, outro grande nome da área: Sonia Maria Lazzarini Cyrino. O trabalho que deu origem aos capítulos do livro, **Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no Português do Brasil**, de Duarte, foi publicado em 1993, dois anos antes de sua tese de doutorado, **A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro**, a qual se constitui como um marco para todo e qualquer pesquisador que inicia seus estudos sobre o sujeito em PB. Posteriormente, a autora circundou sua pesquisa com ângulos e aspectos variados e presentes na sintaxe do PB, dando luz a essa obra ampla e profunda.

O Português Brasileiro, em seu estágio atual, se apresenta como uma fonte próspera para pesquisadores em sintaxe, uma vez que, à parte das inúmeras discussões teóricas que tentam dar justificativa à mudança do valor paramétrico do Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN), evidencia um caso de sistema linguístico com alterações substanciais aparentes. Com o próprio Fernando Tarallo despertando o interesse em Duarte pelo exame da realização dos sujeitos referenciais definidos em

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras – Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Pelotas. Doutorando em Letras – Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

PB, a organizadora, e autora de dois dos nove capítulos, apresenta a obra com análises diacrônicas sobre diversos fenômenos de forma a contribuir para o estudo dessa mudança ocorrente na língua.

Peças de teatro, segundo Duarte (2012: 19), são um material de pesquisa importante “quando se quer tentar uma aproximação com a fala de sincronias passadas”. Por essa razão, para a constituição dos resultados apresentados no livro, foi analisada uma amostra composta de trinta e nove (39) peças de teatro dos séculos XIX e XX, divididas em sete períodos de tempo<sup>2 3</sup> e avaliadas como de cunho popular, em razão da preocupação de que fossem próximas da fala, e com a ponderação das diferenças entre a fala culta e o texto escrito. A isso, se soma a consideração de uma possível influência do processo de letramento na gramática da L1 dos indivíduos (escritores, atores). A conclusão a que se chega na obra é a de que o PB pode ser situado entre as línguas de Sujeito Nulo Parcial, a partir das “fortes evidências de que um novo padrão sentencial se instala no sistema, evitando sentenças com verbo em primeira posição” (op. cit.: 19). **O sujeito em peças de teatro** reúne nove capítulos com análises empíricas de variados temas relacionados ao Parâmetro do Sujeito Nulo e à mudança em curso no sistema, sendo, cada um deles, suportado por pesquisas orientadas ou apoiadas por Duarte.

O primeiro capítulo, **Os sujeitos de 3ª pessoa: REvisitando Duarte 1993**, é assinado pela própria Duarte, além de ter como pesquisadores auxiliares Gabriela Costa Mourão e Heitor Mendonça Santos. Como o título esclarece, se trata de um retorno ao estudo-raiz que dá origem aos desdobramentos presentes no livro, em que as evidências de uma mudança em curso no PB mostram uma clara preferência por sujeitos pronominais expressos em detrimento de sujeitos nulos, conforme análise preliminar de Tarallo (1983). Contudo, o capítulo não se limita a uma “visita” a Duarte (1993), oferecendo um refinamento da análise e apresentando novos resultados, amparados por discussões e resultados de outras pesquisas que se seguiram.

Em Duarte (1993), a hipótese da autora era a de que a redução do paradigma verbal, em razão de um número menor de desinências disponíveis, pela inserção de **você** no quadro pronominal e a neutralização entre **tu** e **você**, e a concorrência entre

---

<sup>2</sup> As janelas cronológicas dos períodos podem ser de dois a vinte e nove anos entre a primeira e a última peça do período.

<sup>3</sup> A maioria dos trabalhos do volume seguiu o formato de divisão do *corpus* original, apresentando a divisão em sete períodos, cujas referências se dão em algarismos romanos (I-VII).

**nós** e **a gente** seriam a motivação para a perda do sujeito nulo como um reflexo natural do sistema. A confirmação da hipótese pôde ser vista com base nas diferentes formas que o percurso da mudança assume, a depender de qual pessoa do discurso está sob análise, sendo que a 3ª pessoa apresentou números substancialmente menores para a opção **pronome pleno**. O refinamento da análise no texto, então, recaí exatamente sobre essa pessoa. Os autores investigaram uma amostra ampliada em relação ao texto-base, focalizando dois aspectos em especial: primeiro, de natureza estrutural, (i) a acessibilidade do antecedente do sujeito, referido como padrão sentencial; e, depois, de natureza semântica, (ii) a hierarquia referencial proposta em Cyrino, Duarte e Kato (2000), que atribui à interação dos traços [ $\pm$ humano] e [ $\pm$ específico] papel de destaque nas mudanças em curso, rumo aos pronomes expressos, caso dos Sujeitos não-Nulos, e às categorias vazias, caso dos Objetos Nulos. As observações feitas concluíram que, juntamente com os traços descritos pela hierarquia referencial, os verbos de ligação se constituem como um contexto relevante de resistência do sujeito nulo em PB. Uma nota interessante dos autores é que, com base em comparações entre o texto escrito das peças e a fala espontânea dos atores, observada a partir de trechos gravados das próprias obras quando encenadas (época em que não havia proibição nesse sentido), foi possível constatar que alguns sujeitos nulos, durante sua produção, acabavam sendo expressos, fato que poderia evidenciar o distanciamento entre as linguagens escrita e oralizada.

O segundo capítulo, **Evolução na representação das estratégias pronominais de indeterminação**, é de autoria de Amanda de Santana Campos Vargas, sendo uma versão resumida dos resultados encontrados em sua dissertação de mestrado, orientada por Duarte. O capítulo objetiva observar, na diacronia, como as formas nominativas expressas se implementam no sistema do PB para representar sujeitos indeterminados, em detrimento do uso do pronome **se** indefinido e do sujeito nulo com verbo na 3ª pessoa do plural. Para tanto, é utilizada a amostra analisada em Duarte (1993) de maneira ampliada. A hipótese que norteia a pesquisa, a partir da hierarquia referencial baseada em traços semânticos, é a de que peças mais antigas tenderiam a uma preferência pela forma **se** indefinida e pelo sujeito nulo com verbo na 3ª pessoa do plural como estratégias de indeterminação do sujeito, reflexos de recomendações da gramática normativa, ao passo que, com o declínio do número de sujeitos nulos e a redução do paradigma flexional, novas

estratégias de indeterminação emergentes poderiam ser verificadas, i.e., um “encaixamento da mudança” em curso. Para o tratamento dos dados, o quadro teórico assumido por Vargas conjuga a sociolinguística variacionista, de Weinreich, Labov & Herzog (1968[2006]) com a Teoria de Princípios e Parâmetros, de Chomsky, com o intuito de, sob uma ótica científica das alternâncias que acontecem na Língua-E, compreender a variação como parte essencial do processo de mudança da Língua-I.

Os resultados de Vargas, que abordam dados desde 1837 até 1992, trazem evidências de que os sujeitos plenos de referência arbitrária são a preferência em sentenças finitas desde, mais ou menos, pouco depois da metade do século XX, em que, até então, havia uma clara preferência pelo uso de **se**. Um fato interessante é que a autora apresenta, também, evidências de um início de implantação dos sujeitos arbitrários em sentenças não-finitas com os pronomes **a gente** na década de 50 e **você** na década de 70, apesar de a forma nula ainda ser predominante e a presença de **se+infinitivo** como estratégia de indeterminação ter ganhado algum espaço na modalidade escrita.

O capítulo seguinte, de autoria de Duarte, e tendo como pesquisadores auxiliares Gabriela Costa Mourão e Luan de Sousa Guimarães, é intitulado **A retomada dos sujeitos proposicionais: categoria vazia ou pronome demonstrativo?** O texto se dedica a investigar o sujeito que toma por antecedente uma proposição – oração – ou uma porção maior do discurso, não podendo ser retomado por um pronome pessoal. Entre as estratégias estão um pronome demonstrativo neutro e a categoria vazia (cv). A partir da análise diacrônica da amostra, ampliada<sup>4</sup>, com peças desde 1845 até 1992, o objetivo do trabalho foi averiguar de que maneira a hierarquia referencial atua no caso desse tipo de sujeito, localizado em um ponto intermediário do *continuum* da hierarquia, também conjugando a teoria da mudança com a Teoria de Princípios e Parâmetros, i.e., se amparando em um modelo de mudança e em uma teoria da linguagem. A hipótese que orientou a pesquisa foi a de que a representação dos sujeitos proposicionais apresentaria um “percurso de mudança mais lento” (2012:72) por eles se situarem em um ponto intermediário da hierarquia referencial, tal como aconteceu com os sujeitos portadores de traços [-humano] e [-específico], o que evidenciaria uma competição

---

<sup>4</sup> Neste trabalho, não só a amostra foi ampliada, em termos de inserção de novas peças teatrais, tendo em conta o baixo número de ocorrências de sujeitos proposicionais, como foi feito um cruzamento com dados da fala culta carioca, em Duarte, Oliveira e Maggesi (2009).

entre a **cv** e o uso do demonstrativo, com uma tendência de aumento da preferência pelo pronome.

Os resultados encontrados sugerem que a representação dos sujeitos proposicionais estendida não segue o mesmo movimento em direção ao preenchimento do sujeito, uma vez que não foi observada uma curva de mudança ao longo do tempo. Uma ressalva dos autores é a de que o verbo de ligação se mostrou um fator de resistência, influenciando os baixos índices de preenchimento. Sobre o cruzamento dos dados da última sincronia (período VII) com os resultados para a fala culta carioca (NURC) e para a fala popular (PEUL) – levantados por Oliveira (2005b) –, foram apresentados dados percentuais bastante próximos: 56% para a fala culta, 50% para a fala popular e 46% para as peças da década de 90, escritas por Miguel Falabella.

O quarto capítulo do volume, **As sentenças existenciais no PB: ecos da mudança na marcação paramétrica**, é assinado por Juliana Marins. Basicamente, se trata de uma análise do comportamento dos verbos **haver** e **ter** e de uma mostra de como se comporta o verbo **existir** frente às mudanças ocorridas na valoração paramétrica do Parâmetro do Sujeito Nulo em PB. Vejamos os exemplos abaixo, retirados do texto (p. 84):

- (1) a. Havia muitos problemas no escritório.
- b. Tinha muitos problemas no escritório.

A pretensão da autora, baseada na amostra de peças de teatro desde 1844 até 1994, é mostrar resultados no sentido de que (i) o verbo **haver** teria passado de verbo funcional a verbo substantivo<sup>5</sup>, tal como o é o verbo **existir**, e de que (ii) o verbo **ter** teria se especializado em construções existenciais, em razão das suas características de verbo funcional, tomando o lugar de **haver** para essa finalidade na gramática do PB. Além disso, a autora intenta oferecer uma tipologia dos DPs plenos que ocupam a posição estrutural de sujeito em sentenças com o verbo **ter** não interpretadas como possessivas, tais como:

---

<sup>5</sup> Um verbo que, nas operações da gramática nuclear, entra na derivação desde o início. Exceções seriam encontradas na linguagem escrita, uma vez que pode ser resultado do provimento da gramática periférica, estando relacionadas – as exceções – a elementos de prestígio na língua escrita padrão. Um resultado dessa visão é que os verbos *ter* e *haver* são licenciados para certos tipos de construções, não havendo variação entre eles na gramática internalizada, mas, sim, coexistência especializada.

(2) a. Os oficiais dos Permanentes **têm** bom soldo.

b. E o despenhadeiro **tem** ainda uma coisa de bom, pelo menos eu acho [...]

Esse tipo de construção pode apresentar, como sujeito, (a) DP com valor de **locativo**, (b) DP com relação de **beneficiário**, (c) DP adjunto a um argumento de uma predicação com relação de **possuidor** ou (d) DP “alçado” da posição de sujeito de uma oração adjunta a um DP. Tais fatos seriam, segundo Duarte, reflexo da preferência por sujeitos expressos.

As considerações da autora sugerem não haver competição entre os verbos em PB. Segundo Marins, **ter** parece ter assumido o papel de verbo existencial prototípico, com uma frequência que passou de 2% a 81% em uma janela cronológica de ±60 anos. Enquanto isso, **haver** parece ter se tornado um verbo existencial parecido com **existir**, com índices limitados a 13% nos últimos períodos (mas que alcançavam 93% seis décadas antes), estando restrito às construções de contexto mais marcado – i.e., contextos mais específicos, restringidos, vinculados ao traço semântico [+abstrato], cujo percentual responde por 55% dos dados do período VII, apesar do baixo índice de ocorrências, apenas 11. A autora compara as curvas de crescimento na distribuição de sujeitos plenos e de **ter** existencial, mostrando a semelhança perceptível com os dados em Duarte (1993). Marins também faz uma análise dos verbos **ter** e **haver** em relação ao traço semântico do argumento interno, contrastando as distribuições de argumentos [+humano], [+material] e, sobretudo, [+abstrato] como forma de evidenciar a referida prototipicidade alternando. Por fim, com relação às sentenças com verbo **ter** pessoal, e na tentativa de oferecer uma tipologia dos DPs que figuram na posição de sujeito nessas construções, a autora identifica 4 padrões distintos, em que esse elemento é extraído de uma estrutura de adjunção. As diferenças entre os padrões estão relacionadas com o tipo de preposição usada na paráfrase e o tipo de adjunto, mas ainda se faz necessário (segundo a autora) examinar os mecanismos sintáticos que permitem tais usos em PB.

O capítulo seguinte, **Construções com verbos de alçamento que selecionam um complemento oracional**, é de autoria de Fernando Pimentel Henriques, sendo uma versão revista e ampliada de sua dissertação de mestrado. Nele, o autor aborda uma das faces da inacusatividade: construções em que um verbo seleciona apenas um argumento oracional. Tais verbos, chamados **verbos de**

**alçamento**, são aqueles em que há uma posição disponível à esquerda do predicador verbal, para a qual um DP pode ser movido (alçado).

A abordagem de Henriques, uma das mais específicas do volume, explica as diversas possibilidades de alçamento em PB, assumindo uma estrutura particular e evitando a análise baseada em hiperalçamento. O autor revela a preferência pelo alçamento do DP sujeito da oração encaixada para a posição de sujeito da matriz [Spec, IP] desde o início do século XX. Em sendo o alçamento de tópico a estratégia mais recorrente no período VII de sua amostra (1988-1992) para o verbo **parecer**, o autor confirmou outros resultados já encontrados por ele antes, sobre análises sincrônicas da fala popular. É interessante notar que, com relação ao alçamento de tópico, o autor mostra que a estrutura com pronomes plenos é mais frequente com DPs de 1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> pessoas, um paralelo direto com o estágio avançado de preenchimento dessas pessoas no PB, enquanto a estrutura com pronome nulo é mais frequente com sujeitos de 3<sup>a</sup> pessoa, i.e., os mais resistentes à mudança em direção ao preenchimento com pronome pleno.

O sexto capítulo, escrito por Danielle de Rezende Santos e Humberto Soares da Silva, é intitulado **A ordem V-DP/DP-V com verbos inacusativos**. A partir da postulação de que sujeitos nulos (cv) e sujeitos pospostos (V-DP) sejam duas propriedades de um mesmo parâmetro (PSN), a intenção dos autores se constitui em verificar alterações qualitativas na ordem, relacionando-as com a frequência em declínio de sujeitos nulos em PB.

Estruturas com sujeito posposto ao verbo têm uma categoria vazia na posição [Spec, IP], ocupada por um expletivo nulo ( $pro_{expl}$ ). A partir da observação de que sentenças existenciais com o verbo **ter** apresentam uma tendência a evitar  $pro_{expl}$ , Santos e Soares da Silva hipotetizam que a redução alcança, também, os casos de V-DP, apesar da resistência que essa ordem apresenta para mudança nos contextos de verbos inacusativos. O objetivo da pesquisa, então, é investigar as ordens V-DP/DP-V em contextos de verbo inacusativo que selecionam um DP como argumento interno em amostra de peças de teatro que vai desde 1838 até 1992, amparados por um modelo de estudo da mudança e um modelo de teoria da linguagem.

Os resultados apresentaram certa estabilidade da ordem V-DP em praticamente todos os estratos por período: PI-56% vs. PVII-50%. Aparte dessa aparente estabilidade, os autores concluíram que os grupos de fatores que

influenciam a escolha entre as ordens V-DP/DP-V foram se alterando ao longo dos sete períodos analisados. Nos primeiros momentos, a posição do DP na estrutura sintática era determinada por fatores discursivos, ao passo que, a partir do início da mudança do valor paramétrico do sujeito nulo, tal determinação passa a ser regida por fatores de ordem sintática. Os autores mostram que as motivações funcionais da ordem do DP na construção inacusativa deram lugar a restrições estruturais, entre elas a de que o DP seja portador do traço [ $\pm$ definido]. Certos verbos, tais como **morrer**, **nascer** e **envelhecer**, deixam continuamente ao longo do tempo de aceitar o DP posposto ao verbo, chegando a 0% no último período analisado (VII). Por outro lado, inacusativos como **ficar**, **restar**, **sobrar** se mantêm com taxas iguais ou superiores a 70% em seis dos sete estratos. A argumentação para essa diferenciação é que, com base na hierarquia referencial, os verbos com maior predisposição a selecionar argumentos com traços mais referenciais, entre eles o de [+humano], sejam acometidos primeiro pela necessidade de um DP na função de sujeito (DP-V).

O capítulo que segue, **Novo olhar sobre as construções com se: para além da questão da concordância**, é de autoria de Silvia Regina de Oliveira Cavalcante e Leonardo Lennertz Marcotulio. Nele, o de cunho mais teórico do volume, são trazidas descrição e análise de construções com **se**, com o intuito de demonstrar que as nominadas passivas sintéticas devem ser consideradas estruturas diferentes das construções passivas, “principalmente no que tange ao estatuto do DP argumento interno” (p. 143). A hipótese principal dos autores prevê diferenças de padrão entre o DP de construções com **se** e os DPs sujeitos de outros tipos de construção, bem como entre o padrão de variação na concordância entre DP argumento interno e o verbo nas construções com **se**. Para chegar aos resultados, os autores se valeram de uma amostra composta de oito peças teatrais escritas entre 1837 e 1992.

Os resultados mostram que a predominância em construções com **se** indefinido, com relação à ordem, é V-se-DP, enquanto nas construções passivas a preferência é DP-Vpp (verbo no particípio passado). Depois, os autores apresentam uma argumentação teórica baseada em estudos de mesma natureza para esclarecer que o padrão de variação na concordância entre o DP argumento interno e o verbo pode esclarecer uma mudança ocorrida na gramática do PB.

O penúltimo capítulo, **A trajetória das interrogativas QU-clivadas e não clivadas no Português Brasileiro**, foi escrito por Diogo Pinheiro e Juliana Marins. Se trata de um texto que introduz o leitor aos diversos tipos de estratégias de clivagem do PB, realizando acompanhamento do percurso das construções interrogativas clivadas QU- com pronome deslocado em PB ao longo da amostra, que vai de 1845 até 1992. As construções são denominadas de (a) não-clivadas (*O que você quer?*), (b) clivadas (*O que é **que** você quer?*) e (c) clivadas reduzidas (*O que **que** você quer?*). O objetivo do trabalho, então, foi investigar o percurso de mudança que levou ao surgimento de construções interrogativas QU- clivadas e clivadas reduzidas em PB, a fim de perceber em que momento elas surgiram e quais fatores favorecem o emprego de cada uma delas. Para a amostra, foram utilizadas sete peças de teatro, uma para cada período, abrangendo desde 1845 até 1992.

A análise dos dados mostra que as sentenças não-clivadas, ao longo dos sete períodos, vêm sofrendo com uma redução constante de frequência, passando de 100% no primeiro (I) para, apenas, 33% no sétimo (VII). O surgimento das clivadas se dá no segundo período (II), 1889, quando elas aparecem nos dados com 16%, chegando a 61% no sétimo (VII), 1992. As clivadas reduzidas aparecem apenas no sexto período (VI), 1975, com 11%, e decaem para 6% das ocorrências no último (VII). Outro fato apresentado é o de que as clivadas, a partir da década de 70, começam a surgir em contexto de encaixamento, passando de 0% nos períodos anteriores para 53%. Pinheiro e Marins argumentam que a passagem de uma sintaxe V2 para uma sintaxe SVO parece ser motivação clara para a implementação das interrogativas QU-clivadas, implementada em fins do século XIX, fato que relaciona, em mais um capítulo, a estreita ligação entre o sujeito preverbal no sistema do PB com fenômenos da língua em claro processo de mudança.

O último trabalho do volume, intitulado **As construções de tópico marcado em peças teatrais brasileiras dos séculos XIX e XX**, ficou ao encargo de Mônica Tavares Orsini. Neste capítulo, a autora introduz o leitor, inicialmente, aos diferentes tipos de construções com tópico marcado: tópico pendente, topicalização, deslocamento à esquerda e tópico-sujeito (que parece ser própria do PB) fazendo descrições de cada um deles e já ilustrando-os com exemplos retirados de sua amostra, composta de 20 peças teatrais e dividida em 4 períodos de meio século cada. Na sequência, é feita uma descrição da tipologia das línguas e sua orientação para o discurso ou para o sujeito, proposta por Li e Thompson (1976), bem

como das propriedades compartilhadas pelas línguas de tópico, fazendo com que o leitor possa refletir sobre a sintaxe do PB com relação a tais propriedades.

O estudo revela que, desde a primeira metade do século XIX, as construções de tópico já licenciavam uma certa variabilidade quanto à natureza dos elementos que ocupam a posição de tópico. Contudo, revela também que construções de tópico pendente parecem ser irrestritas, prototípicas das línguas orientadas para o discurso, e que construções de tópico-sujeito e construções com topicalização de oblíquo nuclear com supressão de preposição com mais conteúdo semântico começaram a ser inseridas em textos escritos com menor grau de formalidade no decorrer do século XX, como reflexo da mudança na marcação do valor do Parâmetro do Sujeito Nulo em PB. Tais evidências, segundo a autora, reforçam a hipótese de que o PB caminha em direção às línguas orientadas para o discurso, com uma gramática própria, distinta da do Português Europeu, uma língua orientada para o sujeito.

Finalmente, o posfácio é assinado por Sonia Maria Lazzarini Cyrino. A autora comenta brevemente o início dos estudos que dão origem ao livro, seguindo com um elogio à sua organização. Depois, trata de comentar, capítulo a capítulo, todos os aspectos relevantes em cada um deles de maneira sucinta e objetiva, com a perceptível profundidade de quem exerce domínio sobre a área dos estudos, a sintaxe. Comenta também a hierarquia da referencialidade, que ampara uma grande parte dos estudos apresentados no livro, ressaltando que, apesar das suas adequações descritiva e explicativa, hierarquias não são explicações, e que as justificativas dos fatos em uma teoria da gramática ainda carecem de propostas conclusivas, apesar das recentes tentativas. Ao final, a autora tece comentários sobre sua visão acerca das descobertas, ressaltando as semelhanças observadas nos diversos trabalhos e suas possíveis convergências para a alegada mudança em curso no sistema do PB.

Por fim, cabe dizer que o volume é resultado de um conjunto de estudos bastante interessantes. De organização impecável, é fonte de conteúdo, teoria, dado, observação, análise, sendo uma ótima indicação para todo o leitor com inclinação à área da sintaxe ou com desejo de aprofundamento dos seus estudos acerca do sujeito ou do Parâmetro do Sujeito Nulo e seus reflexos em nosso sistema linguístico. A obra se mostra uma contribuição relevante para pesquisas linguísticas sobre o Português Brasileiro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia (org.). *O sujeito em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola, 2012.

CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

CYRINO, S. M.L.; DUARTE, M.E. L. & KATO, M. A. Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: Kato, M.A. & Negrão, E.V. (Eds.) *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt: Vervuert-Iberoamericana, 2000, p. 55-104.

DUARTE, M. E. L.. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; & KATO, M. A.(orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993.

\_\_\_\_\_. *A perda do princípio "Evite Pronome" no português brasileiro*. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade de Campinas, Campinas, 1995.

DUARTE, M. E.; OLIVEIRA, J. MAGGESSI, J. *A representação dos sujeitos de referência estendida na fala culta carioca*. Comunicação apresentada na JIC-UFRJ, 2009.

HENRIQUES, Fernando P. *Construções com verbo de alçamento: um estudo diacrônico*. Dissertação de Mestrado, UFRJ, 2008.

LI, C.-N.; THOMPSON, S. Subject and topic: a new typology of language. In: LI, C-N (ed.) *Subject and Topic*. New York: Academic Press, 1976. p. 457-489.

TARALLO, F. *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*. Doctoral dissertation, University of Pennsylvania, Philadelphia, 1983.

VARGAS, Amanda de Santana Campos. *Estratégias pronominais de indeterminação: um estudo diacrônico*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

WEINREICH, Weinreich; LABOV, William; HERZOG, Marvin. (1968). "Empirical Foundations for Theory of Language Change". In: LEHMANN, Paul; MALKIEL, Yakov. (eds.) *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press: 95-188. [*Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad.: Marcos Bagno; revisão técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.]

DUARTE, M. E. L. *O sujeito em peças de teatro: (1833-1992) estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola, 2012.